

Josemaría Escrivá de Balaguer

A MORTE DE CRISTO, VIDA DO CRISTÃO

Separata das «Novidades,» 8-4-70

Como, no seu tempo, outros grandes fundadores, o Padre Josemaría Escrivá de Balaguer soube abrir à espiritualidade católica novos e fecundos caminhos, sàbiamente adaptados à complexa realidade da época em que vivemso. O Opus Dei, por ele fundado, orientado e presidido, cresce e multiplica-se por todas as partes do mundo. Constitui leviandade imperdoável, além de injustiça grave, julgar o Opus Dei pelos acertos ou erros, possíveis ou fictícios, dos sócios que trabalham profissionalmente no campo da política e da economia, os quais actuam, com palavras de monsenhor Escrivá, «com completa independência e com responsabilidade pessoal». O Opus Dei só se pode julgar sèriamente pela sua vasta obra religiosa e social e esta apresenta um balanço esmagadoramente positivo, à margem da actividade individual de alguns políticos e economistas que pertencem à Associação, os quais, do mesmo modo que os engenheiros, os advogados e operários do Opus Dei, acertam umas vezes e outras enganam-se na sua actividade profissional. Negar a fecundidade religiosa do Opus Dei seria negar a própria evidência.

Josemaría Escrivá de Balaguer volta hoje às páginas de «Novidades» com um artigo bellissimo e profundo, há poucos dias aparecido no suplemento dominical do ABC, de Madrid, plenamente imbuído do espírito pascal que a Igreja irradia na presente quadra.

Esta semana, que o povo cristão tradicionalmente chama Santa, oferece-nos uma vez mais a possibilidade de considerar — de reviver — os momentos em que se consuma a vida de Jesus.

Tudo o que as diversas manifestações de piedade nos trazem à memória nestes dias, se encaminha decerto para a Ressurreição, que é o fundamento da nossa fé, como escreve S. Paulo (cfr. I Cor. XV, 14). Não percorramos contudo este caminho demasiado depressa; não deixemos cair no esquecimento alguma coisa muito simples, que por vezes parece escapar-se-nos: não poderemos participar da Ressurreição do Senhor se não nos unirmos à sua Paixão e à Sua Morte (cfr. Rom. VIII, 17). Para acompanhar a Cristo na sua glória no final da Semana Santa, é necessário que penetremos antes no seu holocausto e que nos sintamos uma só coisa com Ele, morto no Calvário.

A entrega generosa de Cristo enfrenta-se com o pecado, essa realidade dura de aceitar, mas inegável: o *mysterium iniquitatis*, a inexplicável maldade da criatura que se ergue, por soberba, contra Deus.

A história é tão antiga como a Humanidade. Recordemos a queda dos nossos primeiros pais; depois toda essa cadeia de depravações que marcam o andar dos homens; finalmente, as nossas rebeldias pessoais. Não é fácil considerar a perversidade que o pecado supõe e compreender tudo o que a fé nos ensina. Temos de ter presente que, mesmo no plano humano, a grandeza da ofensa se mede pela condição do ofendido, pelo seu valor pessoal, pela sua dignidade social, pelas suas qualidades. E o homem ofende a Deus: a criatura renega o seu Criador.

Mas «Deus é Amor» (I Io. IV, 8). O abismo de malícia, que o

pecado encerra, foi vencido por uma Caridade infinita. Deus não abandona os homens. Os desígnios divinos previram que, para reparar as nossas faltas, para restabelecer a unidade perdida, não bastavam os sacrifícios da Antiga Lei: tornou-se necessária a entrega de um Homem que fosse Deus. Podemos imaginar — para nos aproximarmos de algum modo deste mistério insondável — que a Trindade Santíssima se reúne em conselho, na sua contínua relação íntima de amor imenso e, como resultado dessa decisão eterna, o Filho Unigénito de Deus-Pai assume a nossa condição humana, carrega sobre si as nossas misérias e as nossas dores, para acabar pregado com cravos num madeiro.

Este fogo, este desejo de cumprir o decreto salvador de Deus-Pai, enche toda a vida de Cristo, desde o seu nascimento em Belém. Ao largo dos três anos que com Ele conviveram, os discípulos ouvem-no repetir incansavelmente que o seu alimento é fazer a vontade d'Aquele que o enviou (cfr. Io. IV, 34). Até que, no meio da tarde da primeira Sexta-feira Santa, se concluiu a sua imolação: «inclinando a cabeça, entregou o espírito» (Io. XIX, 30). Com estas palavras descreve-nos o Apóstolo S. João a morte de Cristo: Jesus sob o peso da Cruz com todas as culpas dos homens, morre pela força e pela vileza dos nossos pecados.

Meditemos no Senhor, chagado dos pés à cabeça por amor de nós. Com frase que se aproxima da realidade, embora não consiga exprimi-la completamente, podemos repetir com um escritor há séculos: «O corpo de Jesus é um retábulo de dores». À vista de Cristo feito um farrapo, transformado num corpo inerte descido da Cruz e confiado a sua Mãe, à vista desse Jesus destroçado, poder-se-ia concluir que esta cena é a exteriorização mais clara de uma derrota. Onde estão as massas que o seguiram e o Reino cuja vinda anunciava? Contudo, não temos diante dos olhos uma derrota, mas sim uma vitória: está agora mais perto do que nunca o momento da Ressurreição, da manifestação da glória que Cristo conquistou com a sua obediência.

A morte de Cristo chama-nos a uma vida cristã plena

Acabamos de reviver o drama do Calvário, aquilo que me atreveria a chamar a Missa primeira e primordial, celebrada por Jesus. Deus-Pai entrega o seu Filho à morte. Jesus, o Filho Unigénito, abraça-se ao madeiro, no qual o haviam de «justiçar», e o seu sacrifício é aceite pelo Pai. Como fruto da Cruz, derrama-se sobre a Humanidade o Espírito Santo (cfr. Rom. III, 24 e segs.; Hebr. X, 5 e segs.; Io. VII, 39).

Na tragédia da Paixão consuma-se a nossa própria vida e toda a história humana. A Semana Santa não pode reduzir-se a uma mera recordação, já que é a consideração do mistério de Jesus Cristo, que se prolonga nas nossas almas: o cristão está obrigado a ser *alter Christus*, *ipse Christus*, outro Cristo, o próprio Cristo. Pelo Baptismo, fomos todos constituídos sacerdotes da nossa própria existência, «para oferecer vítimas espirituais que sejam agradáveis a Deus por Jesus Cristo» (I Ped. II, 5), para realizar cada uma das nossas acções em espírito de obediência à vontade de Deus, perpetuando assim a missão do Deus-Homem.

Por contraste, esta realidade leva-nos a determo-nos nas nossas deditas, nos nossos erros pessoais. Tal consideração não nos deve desanimar, nem colocar na atitude céptica de quem renunciou aos grandes ideais. Porque o Senhor reclama-nos tal como somos, para que participemos da sua vida, para que lutemos por ser santos.

Santidade! Quantas vezes pronunciamos esta palavra como se fosse um som vazio! Para muitos ela representa mesmo um ideal inacessível, uma ideia-força da ascética, mas não um fim concreto, uma realidade viva. Não pensavam deste modo os primeiros cristãos que usavam o nome de santos para se chamarem entre si, com toda a naturalidade e com grande frequência: «saúdam-vos todos os santos» (Rom. XVI, 15), «saudai todos os santos em Cristo Jesus» (Fil. IV, 21).

Situados agora perante esse momento do Calvário, quando Jesus já morreu e não se manifestou ainda a glória do seu triunfo, temos uma

boa ocasião para examinar os nossos desejos de vida cristã, de santidade, para reagir com um acto de fé perante as nossas debilidades e, confiando no poder de Deus, fazer o propósito de pôr amor nas coisas do nosso dia-a-dia. A experiência do pecado tem de nos conduzir à dor, a uma decisão mais madura e mais profunda de sermos fiéis, de nos identificarmos deveras com Cristo, de perseverarmos, custe o que custar, nessa missão sacerdotal que Ele encomendou a todos os seus discípulos sem excepção, que nos impele a sermos sal e luz do mundo (cfr. Mat. V, 13-14).

A consideração da morte de Cristo traduz-se num convite a que nos situemos, com absoluta sinceridade, perante o nosso trabalho ordinário, que tomemos a sério a fé que professamos. A Semana Santa, portanto, não pode ser um parêntesis sagrado no contexto de um viver movido só por interesses humanos: tem de ser uma ocasião para penetrarmos na profundidade do Amor de Deus, para podermos assim, com a palavra e com as obras, mostrá-lo aos outros homens.

Mas o Senhor impõe condições. Há uma declaração sua, que S. Lucas nos conserva, da qual não se pode prescindir: «Se alguém quer vir a mim e não aborrece o pai e a mãe, a mulher e os filhos, os irmãos e as irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo» (Luc. XIV, 26). São palavras duras. Decerto nem o «odiar», nem o «aborrecer» portugueses exprimem bem o pensamento original de Jesus. De qualquer maneira, as palavras do Senhor foram fortes, pois não se reduzem a um «amor menor», como por vezes se interpreta temperadamente, para suavizar a frase. É tremenda essa expressão tão taxativa, não porque implique uma atitude negativa ou desapiedada, já que o Jesus que fala agora é o mesmo que manda amar os outros como a própria alma e entrega a sua vida pelos homens: aquela locução indica simplesmente que perante Deus não cabem meias-tintas. Poderiam traduzir-se as palavras de Cristo por «amar mais», «amar melhor», ou então por não amar com um amor egoísta, nem tão-pouco com um amor de vistas curtas: devemos amar com o Amor de Deus. Disto é que se trata!

Reparemos na última das exigências de Jesus: «et animam suam»,

a vida, a própria alma é o que o Senhor pede. Se somos fátuos, se nos preocupamos apenas com a nossa comodidade pessoal, se centramos a existência dos outros e até o próprio mundo em nós mesmos, não temos o direito de nos chamarmos cristãos, de nos considerarmos discípulos de Cristo. A entrega tem de se fazer com obras e com verdade, não apenas com a boca (I Io. III,18). O amor a Deus convida-nos a levar a cruz a pulso, a sentir também sobre nós o peso da Humanidade inteira e a cumprir, nas circunstâncias próprias do estado e do trabalho de cada um, os desígnios, claros e amorosos ao mesmo tempo, da vontade do Pai. Na passagem que comentámos, Jesus prossegue: «Aquele que não carrega com a sua cruz e me segue, também não pode ser meu discípulo» (Luc. XIV, 27).

Aceitemos sem medo a vontade de Deus, formulemos sem vacilações o propósito de edificar toda a nossa vida de acordo com aquilo que nos ensina e nos exige a nossa fé. Estejamos seguros de que encontraremos luta, sofrimento e dor; mas se possuímos de verdade a fé, nunca nos sentiremos infelizes: também com penas, e até mesmo com calúnias, seremos felizes com uma felicidade que nos impelirá a amar os outros para os fazer participar da nossa alegria sobrenatural.

O cristão perante a história humana

Ser cristão não é título de mera satisfação pessoal: tem nome — substância — de missão. Já antes recordávamos que o Senhor convida todos os cristãos a serem sal e luz do mundo; fazendo-se eco desse mandato e com textos tomados do Antigo Testamento, S. Pedro escreve umas palavras que definem muito claramente essa missão: «Sois linhagem escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo de conquista, para publicar as grandezas d'Aquele que nos arrancou das trevas para a sua luz admirável» (I Ped. II, 9).

Ser cristão não é algo accidental, é uma realidade divina, que se insere nas entranhas da nossa vida, dando-nos uma visão limpa e uma

vontade decidida para actuarmos como Deus quer. Aprende-se assim que a peregrinação do cristão no mundo tem de se converter num serviço contínuo, prestado de modos muito diversos segundo as circunstâncias pessoais, mas sempre por amor a Deus e ao próximo. Ser cristão é actuar sem pensar nas pequenas metas do prestígio ou da ambição, nem em finalidades que podem parecer mais nobres, como a filantropia ou a compaixão perante as desgraças alheias: é correr para o termo último e radical do amor que Jesus Cristo manifestou morrendo por nós.

Verificam-se por vezes algumas atitudes que provêm de não se saber penetrar neste mistério de Jesus. Por exemplo, a mentalidade daqueles que vêem o cristianismo como um conjunto de práticas ou actos de piedade, sem perceberem a sua relação com as situações da vida corrente, com a urgência de atender as necessidades dos outros e de se esforçar por remediar as injustiças.

Por mim, diria que quem tem essa mentalidade não compreendeu ainda o que significa o facto de o Filho de Deus ter incarnado, tomando corpo, alma e voz de homem, participando no nosso destino até ao ponto de experimentar a aniquilação suprema da morte. Talvez por isso algumas pessoas, sem querer, consideram Cristo como um estranho no ambiente dos homens.

Outros pelo contrário, têm tendência para imaginar que, para poderem ser humanos, precisam pôr em surdina alguns aspectos centrais do dogma cristão e actuam como se a vida de oração, o trato contínuo com Deus, constituísse uma fuga perante as próprias responsabilidades e um abandono do mundo. Esquecem-se que Jesus, precisamente, nos deu a conhecer até que extremos se deve ir no caminho do amor e do serviço. Só se procurarmos compreender o arcano do amor de Deus, deste amor que chega até à morte, seremos capazes de nos entregarmos totalmente aos outros, sem nos deixarmos vencer pelas dificuldades ou pela indiferença.

É a fé em Cristo, que morreu e ressuscitou, presente em todos e cada um dos momentos da vida, que ilumina as nossas consciências,

incitando-nos a participar com todas as forças nas vicissitudes e nos problemas da história humana. Nessa história, que teve início com a criação do mundo e terminará com a consumação dos séculos, o cristão não é um apátrida: é um cidadão da cidade dos homens, com a alma cheia de desejo de Deus, cujo amor começa já a entrever nesta etapa temporal e no qual reconhece o fim a que estamos chamados todos os que vivemos na terra.

Se o meu testemunho pessoal tem interesse, posso dizer que sempre entendi o meu trabalho de sacerdote e pastor de almas como uma tarefa dirigida a situar cada um perante as exigências totais da sua vida, ajudando-o a descobrir aquilo que Deus em concreto lhe pede, sem pôr qualquer limitação a essa independência santa e a essa bendita responsabilidade individual que são características de uma consciência cristã. Esse modo de agir e esse espírito baseiam-se no respeito à transcendência da verdade revelada e no amor à liberdade da criatura humana. Poderia acrescentar que se baseiam também na certeza da indeterminação da história, aberta a múltiplas possibilidades que Deus não quis limitar.

Seguir Cristo não significa refugiar-se no templo, encolhendo os ombros perante o desenvolvimento da sociedade, perante os acertos ou as aberrações dos homens e dos povos. A fé cristã leva-nos, pelo contrário, a ver o mundo como criação do Senhor, a apreciar portanto tudo o que é nobre e belo, a reconhecer a dignidade de cada pessoa, feita à imagem de Deus e a admirar esse dom especialíssimo da liberdade, que nos faz donos dos nossos próprios actos e capazes, com a graça do Céu, de construir o nosso destino eterno.

Seria empequenecer a fé, reduzi-la a uma ideologia terrena, arvorando um estandarte político-religioso para condenar, não se sabe em nome de que investidura divina, aqueles que não pensam do mesmo modo em problemas que são, pela sua própria natureza, susceptíveis de receber numerosas e diversas soluções.

Aprofundar no sentido da morte de Cristo

A digressão que acabo de fazer tem por única finalidade pôr em evidência uma verdade central: recordar que a vida cristã encontra o seu sentido em Deus. Nós os homens não fomos criados apenas para edificar um mundo o mais justo possível: para além disso, fomos colocados na Terra para entrarmos em comunhão com o próprio Deus. Jesus não nos prometeu a comodidade temporal, nem a glória terrena, mas a casa de Deus-Pai, que nos espera no final do caminho (cfr. Io. XIV, 2).

A liturgia de Sexta-Feira Santa inclui um hino maravilhoso: o *Crux Fidelis*. Nesse hino, somos convidados a cantar e celebrar o glorioso combate do Senhor, o troféu que é a Cruz, o preclaro triunfo de Cristo. O Redentor do Universo, ao ser imolado, vence. Deus, Senhor de toda a criação, não afirma a sua presença com a força das armas, nem sequer com o poder temporal dos seus, mas sim com a grandeza do seu amor infinito.

O Senhor não destrói a liberdade do homem: precisamente Ele é que nos fez livres. Por isso mesmo não quer respostas forçadas, mas sim decisões que saiam da intimidade do coração. E espera de nós, cristãos, que vivamos de tal maneira que aqueles que convivam connosco, por cima das nossas próprias misérias, erros e deficiências, advirtam o eco do drama de amor do Calvário. Tudo o que temos, recebemo-lo de Deus, para sermos sal que dê sabor, luz que leve aos homens a alegre nova de que Ele é um Pai que ama sem medida. O cristão é luz do mundo, não porque vença ou triunfe, mas porque dá testemunho do amor de Deus. E não será sal se não serve para salgar; nem será luz se, com o seu exemplo e a sua doutrina, não oferece um testemunho de Jesus, se perde aquilo que constitui a razão de ser da sua vida.

Convém que aprofundemos naquilo que nos revela a morte de Cristo, sem ficarmos nas formas exteriores ou em frases estereotipadas. É necessário que nos metamos de verdade nas cenas que revivemos

durante estes dias da Semana Santa: a dor de Jesus, as lágrimas da sua Mãe, a debandada dos discípulos, a valentia das santas mulheres, a audácia de José e Nicodemos, que pedem a Pilatos o corpo do Senhor.

Aproximemo-nos, em suma, de Jesus morto, dessa Cruz que se recorta sobre o cume do Gólgota. Mas aproximemo-nos com sinceridade, sabendo encontrar o recolhimento interior que é sinal de maturidade cristã. Os acontecimentos, divinos e humanos, da Paixão penetrarão desta forma na alma como palavra que Deus nos dirige para desvelar os segredos do nosso coração e revelar-nos aquilo que espera das nossas vidas.

Há já muitos anos, vi um quadro que se gravou profundamente no meu íntimo. Representava a Cruz de Cristo e, junto ao madeiro, três anjos: um chorava desconsoladamente; outro tinha um cravo na mão, como para se convencer de que aquilo era verdade; o terceiro estava recolhido em oração. Eis um programa sempre actual para cada um de nós: chorar, crer e orar.

Perante a Cruz, dor dos nossos pecados, dos pecados da Humanidade, que levaram Jesus à morte; fé, para penetrarmos nessa verdade sublime que ultrapassa todo o entendimento e para nos maravilharmos face ao amor de Deus; oração, para que a vida e a morte de Cristo sejam o modelo e o estímulo da nossa vida e da nossa entrega. Só assim nos chamaremos vencedores! Porque Cristo ressuscitado vencerá em nós, e a morte transformar-se-á em vida.